SOBRE NOSSAS CABEÇAS, UM TESTEMUNHO: UM ESTUDO ACERCA DOS GRAFISMOS NAS TELHAS ARTESANAIS

Lucas Alves da Rocha[1]
Izabela Pereira de Lima[2]

RESUMO: Quantas vezes em nossas vidas, passamos por casas e outros tipos de edifícios e paramos para pensar que ali viveu, quantas famílias por ali passaram, quantos ali pereceram? Porém, pouco pensamos em que confeccionou os materiais para aquela estrutura ser construída. Esse trabalho tem ênfase em analisar essa história através dos vestígios que compõem essas estruturas, focando-se em especial um material que está presente na maioria das grandes estruturas arquitetônicas, nos mais diferentes momentos da história, porém sua história é ignorada no Brasil, estamos falando das telhas. Esse texto é uma proposta para um estudo mais aprofundado acerca destes cerâmicos e algumas reflexões acerca de como os arqueólogos precisam ter atenção a matérias que antes eram bastante ignorados e podem trazer dados importantíssimos.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia da Diáspora Africana. Resistência. Telhas.

"Quem construiu a Tebas de sete portas?
Nos livros estão nomes de reis.
Arrastaram eles os blocos de pedra?
E a Babilônia várias vezes destruída.
Quem a reconstruiu tantas vezes?
Em que casas da Lima dourada moravam os construtores?
Para onde foram os pedreiros, na noite em que a Muralha
da China ficou pronta?
A grande Roma está cheia de arcos do triunfo.
Quem os ergueu? Sobre quem triunfaram os césares?"

Bertolt Brecht: **Perguntas de um Operário Letrado.**
Fonte: Site O pensador

INTRODUÇÃO

Cada vestígio carrega uma história particular, porém alguns são bem mais valorizados que outros, e partido disso, vamos abordar no presente trabalho um dos mais ignorados pelos pesquisadores da arqueologia: As telhas!

[1] Mestrando em arqueologia, UFPE. E-mail: lucas-alves170@hotmail.com, Link do Academia.edu: https://ufpe.academia.edu/LucasAlves
[2] Doutoranda em arqueologia, UFPE. E-mail: izabelapereiradelima@hotmail.com, Link do Academia.edu: https://euvoupassar.academia.edu/izabelapereiradelima

Após observa uma singular coincidência em determinas sítios arqueológicos de Pernambuco, em especial ligados a cana de Açúcar, como o caso do engenho Jaguaribe (Abreu e Lima), Engenho Manjope (Igarassu), Engenho Mato Grosso e a Vila de Nazaré (Cabo de Santo Agostinho), nos quais, for percebido que em fragmentos de telhas ou até mesmo algumas delas intactas, possuíam singulares grafismos que algumas vezes se repetiam, como linhas que se cruzavam em forma de "X" ou ondulações, em outros casos eram desenhos mais complexos que não foi visto em outro lugar.

Com base nisso, o presente trabalho tenta mergulhar no potencial que esse material possui para compreensão da diáspora africano no Nordeste do Brasil, utilizando não só a arqueologia, como a história, antropologia, sociologia entre outros para demostrar que ainda existe muitas fontes que podem trazer vestígios da luta e resistências de determinados grupos étnicos frente a opressão de determinados grupos.

AS MÃOS QUE MOLDAM A ARGILA: UMA ANÁLISE PELA ARQUEOLOGIA

Para um arqueólogo, os artefatos são testemunhos em primeira mão dos eventos do passado, as reminiscências daquele fato de um tempo longínquo, do qual aqueles pequenos fragmentos são as únicas pistas que possam apontar como aquelas pessoas viveram naquele ambiente.

Porém, nem todos os materiais têm o mesmo destaque em estudos, enquanto vemos diversos trabalhos sobre vasilhas cerâmicas, urnas funerárias, tijolos entre outros, alguns quase ou nunca são mencionados, o motivo? Bem, é difícil dizer, porém podemos imaginar, e as telhas é um destes casos.

Apesar de terem uma forte ligação no que se refere a arquitetura, quase nunca os pesquisadores voltam seus olhos para esse material e neste momento deixam passar uma grande chance de estudo. É interessante notar, que as discussões acerca deste material são feitas por arquitetos, com ênfase a entender a ligação das telhas com o famoso dizer popular "feito nas coxas".

Existe um bom trabalho que aborda essa temática, de autoria de Pastina Filho (PARDAL, 1999, p. 12-14), publicado a algumas décadas atrás, porém até hoje é levado como uma verdade absoluta para diversos pesquisadores, mas ainda dentro do meio arqueológico que estranhamente repete os dizeres do texto, sem ver alguns equívocos do autor. Primeiramente a questão anacrônica, pois o escritor usa uma observação recente dele, feita em campo, para desmistificar o velho ditado popular, porém faz de forma a não levar em conta, por exemplo, fontes acerca da confecção destes vestígios entre os anos de 1530 a 1890, mostrando uma fragilidade em sua pesquisa. Isso é observado, de forma delicada por Pardal (1999, p.12), ao relatar um documento feito por um sargento no século XVIII, no qual descreve que alguns negros usavam como apoio para as formas de madeiras utilizadas na confecção das telhas, parte da coxa, talvez daí surgiu o equívoco com o passar dos anos, porém os presentes autores sugerem uma visão diferente, como será abordada mais à frente no presente texto.

Outro fato, é o determinismo do texto, apesar de trazer dados interessantes acerca da confecção de telhas artesanais e até mesmo medições e testes feitos pelo estudioso, o autor tenta de forma fatal a empreitada de “destruir o mito” em vez de tenta compreender as transformações deste mito com o passar do tempo.

Retornado a questão arqueológica, nenhum trabalho, pelo menos até agora conhecido pelos autores, se dedica piamente ao estudo das telhas, que inclusive vão das mais simples em barro cozido até belíssimos exemplares em faiança portuguesa, decoradas com os mais diferentes tipos de representações, desde detalhes florais a pássaros alçando voo.

As telhas são produtos de interesse aos pesquisadores, não por possuírem marcas de fabricantes, como alguns tijolos e cerâmicas utilitárias, mas pela parcela da população que a fazia e que deixou nelas marcas. Essas marcas podem variar, mas podem se aproximas de outras já estudas em cerâmicas utilitárias e cachimbos que identificaram até mesmo origem de alguns símbolos encontrados no material estudado (SYMANSKI, 2013, 2007; GUIMARÃES, LADEIA, 2013, SOUZA, 2013), porém,

devem possuir o significado acima de tudo de resistência dos antigos costumes perante os novos impostos.

Souza (2013) descreve as estratégias dentro de alguns engenhos, baseando-se em relatos históricos, de como os escravos conseguiam preservar sua cultura, deixando em diversos vestígios materiais. Em sua maioria, os estudos são relacionados a utensílios do dia a dia (louça, cachimbos) rituais, mas quase nunca a material construtivo. Porém, para discorrer sobre essa questão primeiramente precisamos compreender um pouco a história das telhas, partido de sua origem, milênios atrás até sua chega e proliferação no Brasil.

UMA BREVE HISTÓRIA DAS TELHAS: DA SUA ORIGEM AO PERNAMBUCO DO INÍCIO DO SÉCULO XX

As telhas, pode-se dizer, são irmãs do tijolo cozido, sua origem é bem remota, pois sabemos que os gregos as utilizavam, mesmo que tardiamente, e esse mesmo povo não só utilizava as telhas de terracota, algumas poderiam ser confeccionadas em mármore (ROBERTSON, 1997.p 5, 60), esse costume foi absorvido pelos romanos, séculos depois e assim popularizou-se em toda Europa. No Oriente temos exemplos, como as telhas esmaltadas chinesas (BRAUDEL, 1997.p. 240-241). Contudo, ter um telhado feito com telhas, seja no Oriente ou Ocidente, nestes períodos eram, como o próprio Braudel (1997, p. 241), era ter um status social bem elevado.

Porém, quando as telhas chegam ao Brasil? Segundo as fontes lusitanas, é possível constatar que a partir do final da primeira metade e início da segunda do século XVI, já existiam olarias instaladas nas vilas, conventos e em outros lugares que fabricavam esses e outros artefatos cerâmicos, (SOARES, 2000. p. 158) diferente do "mito acadêmico"[3] que alguns materiais, como é o caso dos tijolos, foram inseridos ou que ganharam mais destaque pelos batavos, como ainda é percebido em alguns trabalhos, podemos citar Oliveira (2017, p. 99-107).

[3] **Mito acadêmico** é um termo cunhado para definir erros e equívocos que são repetidos pelo meio acadêmico, dos quais os pesquisadores continuam a repetir sem fazer uma autocrítica e tentam perpetuar como uma verdade.

Uma prova disso é a Olaria do pedreiro Braz da Mata, conhecido por ser um dos denunciadores de Bento Teixeira, que forneceu material construtivo para construção de uma capela sob os cuidados de Bento, provavelmente na região do Cabo de Santo Agostinho, onde era mestre escola. (ROCHA, 2017)

No final do século XVI e início do seguinte, autores que visitaram a cidade descreveram sua arquitetura e os materiais empregados no casario, como Fernão Cardin, Ambrósio Richshoffer, João Baers e outros que deixaram seu testemunho, porém não se sabe quem foram, é interessante percebe em alguns deles a menção as olarias que existia na Olinda *antebellum*. Já durante o domínio batavo em Pernambuco, vamos ver a presença tanto nos engenhos como de forma autônoma dos olarias (*Potterbackerye*) que muitas não se dedicava somente a produção deu um determinado produto, mas sim vários, como louças, tijolos e telhas. No início da ocupação existia uma falta de profissionais acerca do ofício de oleiro, porém com o tempo isso foi sendo sanado e até mesmo a técnica de confecção deste material no norte da Europa foi aplicado aqui, utilizando material prima regional. (MELLO, 2018; MELLO, 1983)

No *pós-Bellum*, um documento de 1663, feito pelo restaurador João Fernandes Vieira, para seu feitor, descreve os cuidados que ele deve ter em relação a preservação do engenho, desde a conservação dos prédios, como "retelhar", até como agir com os escravos, neste último temos uma citação interessante. Nela, além de recomenda que em caso de não ter um escravo oleiro, deve-se ter um oleiro foro e que ele pode vender "(...) Loiça. formas, jarras e tudo o mais de suas mãos, ***exceto telhas e tijolos, que isso se faz com os escravos da fazenda*** e só se dá ao oleiro, quando cose a dita telha e tijolos (...)" (MELLO, 2004. p. 259-260. Grifo nosso.)

Antonil, um autor setecentista, que dedicou sua obra "Cultura e opulência do Brasil", publicado em 1711, na qual aborda as riquezas do Brasil, em especial a cultura da cana de açúcar e os engenhos que fabricam esse bem. No livro três, da parte primeira, é apresentado pelo autor a importância de ter uma olaria no engenho e como era confeccionadas as formas (pão de açúcar) para se colocar o açúcar refinado.

Neste trecho, o autor descreve o procedimento do preparo da argila para ser feita não só as formas, como telhas e tijolos, em especial a menção de utilizar "uma canoa velha ou ***um cocho grande de pau***[4]." Para colocar o barro e o negro responsável, com água e um rodo, ficar amassando até ganhar a consistência para o preparo dos cerâmicos. (ANTONIL, 1969, p. 81-82)

O termo "cocho' aqui chama atenção, pois levanta a hipótese que a famosa citação popular "feito nas coxas", pode ter sofrido uma modificação com o passar do tempo, poderia ser originalmente "feito no cocho" e com o passar dos anos foi alterado para "feito nas coxas", não seria de se entrar essa modificação, Câmara Cascudo em sua obra "literatura oral no Brasil", aborda algumas passagens populares que na realidade sofreram modificações[5].

Os jornais vão trazer informações preciosas acerca da indústria das telhas no Pernambuco do século XIX, no diário de Pernambuco entre 6 a 20 de outubro de 1881, foi publicado um relatório acerca da indústria Pernambucana na exposição Brasileiro-alemã que aconteceu no Rio Grande do Sul.

Nesta exposição, uma sessão era dedicada a produção ceramista da província, diversos produtos confeccionados em barro foram expostos, entre eles as telhas, as quais o autor dos artigos descreve que vem de olarias "sob a proteção dos engenhos" e que eram várias, porém o mesmo autor acentua que:

[4] Segundo Cascudo (2004, p. 215) o cocho é: "Um recipiente de madeira que pode serfeito de tronco de arvoré, no qual se coloca comida para os animais" , Entretendo, para o contexto do século XVIII, segundo Bluteau e Silva (1789, p. 407) Cocho ou Coche é "uma vasilha de levar aos pedreiros a cal amassada para obra (...)" também sinônimo de "cestos da terra (...) tochos de barro." E complementa no verbete "coche": "Coche de cal: é uma pá, com uma taboa levantada por um lado, e outra por resteira, na qual o sevidor do pedreiro leva a cal amassada."

[5] Um exemplo que podemos mostrar de modificação nesta obra, é uma pequena lenda na qual narra a questão da mãe de São Pedro no Inferno e o pedido do santo a Cristo para retirar a mãe de lá, para um leitor desavisado, poderia passar ser notado, porém a um estudioso das religiões percebe que é uma modificação da famosa parábola budista na qual um criminoso pede a Buda uma chance de sair do inferno, então deidade envia uma aranha, a qual o criminoso poupou a vida do pequeno artrópode quando era vivo para salva-lo. Existe modificações deste lenda em diversas obras, duas que podemos citar como as mais famosa é a que se encontra no livro "*Os irmãos Karamazov*" de Fyodor Dostoevsky e "*A teia da Aranha*" (The Spider's Thread) de Ryūnosuke Akutagawa. (CARUS, 2008, p. 136; CASCUDO,2006, p. 336-337)

> (...) Essa uma indústria que está entre nós atrasada e, pelo que, no caso de muito progredir ainda. (...) Não existe atualmente uma só olaria ou fábrica de tijolo [e telha[6]] onde se empreguem as modernas e aperfeiçoadas máquinas belgas, inglesas ou americanas. Todo o trabalho do fabrico, desde a mistura da argila, moldagem etc., até o cozimento do tijolo, se faz pelos processos rotineiros do país. (MELLO, 1976. p. 94, 265)

Provavelmente, durante a produção destas telhas nestes engenhos e outras localidades, os escravos responsáveis as marcavam com símbolos que eles sabiam seu significado, assim fazendo um meio de comunicação e resistência, hoje talvez não consigamos entender os motivos de se marca esse tipo de material, porém para eles era um dos muitos meios de manter viva uma memória, isso até a instalação das fabricas a vapor e maquinário pesado.

Existiu uma tentativa na qual, segundo os dados fornecidos no artigo do Diário, o dono do engenho Barbalho, instala uma das primeiras fabricas industrial de cerâmica, porém por causa de "uma das imprevistas inundações do Rio Pirapama deitou por terra as suas oficinas", o dono desanimado com a destruição repassou a fábrica a outro que refez, porém sem a força e nem a aceitação que a anterior tinha dentro da província. (MELLO, 1970, p. 265)

Durante o século XX, fotógrafos como Benicio Dias e Alexandre Berzin, fotografaram e assim registraram o cotidiano da população, neste tesouro imagético deixado por eles, podemos observar olarias e vendedores de cerâmicas, talvez em alguma desta imagem podem ter dicas acerca dos grafismos.

OS OBJETOS DE ESTUDOS: AS TELHAS

Os objetos de estudo do presente trabalham, se localizam geograficamente em dois pontos do município do Cabo de Santo Agostinho, a cerca de 45 km da capital do estado, Recife, é um dos polos industriais do estado, principalmente pela razão de que parte do complexo portuário de Suape se localizada nele.

[6] "Algumas observações feitas sobre o tijolo aplicam-se à telha, fabricada pelos mesmos estabelecimentos, e tendo um comprimento variável, sobre cerca de 0,025m de grossura." (MELLO,1976. p. 265)

O município possui uma rica história, desde a questão do descobrimento do Brasil até a implantação das primeiras ferrovias no Nordeste do Brasil. Os dois pontos escolhidos estão em contexto similares e ao mesmo tempo bem diferentes, pois um se localiza na parte litorânea do município, a pequena Vila de Nazaré que está sobre o promontório do acidente geográfico que cede o nome ao município, já o segundo é um pequeno arruado do engenho Mato Grosso, que teve seu apogeu no século XIX e encontrasse na parte mais interiorana do município, próxima a sede do município.

No primeiro local, as telhas pertencem a uma "coleção" que foi retirada da casa da família Alves, essa habitação tem uma história interessante, orginalmente, quando o terreno foi comprado em 1913 pelo patriarca da família, a casa se localizava onde hoje passa uma pista uma estrada asfaltada, para realizar essa obra, a primeira casa foi destruída e uma segunda em uma depressão mais abaixo foi erguida a segunda casa que está lá até hoje. Nos anos iniciais do século XX, as telhas antigas, que passaram da primeira casa para a segunda, foram removidas, no que se chama de "destelhamento", foram trocadas por telhas mais novas e mais leves.

As telhas removidas, foram levadas para a casa de uma das herdeiras, algumas foram reutilizadas em uma pequena barraca que vende licores e doces caseiros, outras estavam aterradas devido o tempo e já outras estavam bem destruídas, somente foram localizadas fragmentos, porém foi possível percebe que essa coleção é feita de 100 telhas em estado integral e 50 fragmentadas, desta foi notado que apenas 15 das telhas integrais possuíam grafismos, já os fragmentos foram notados 20 deles com pequenos entalhes.

Já no caso do arruado do engenho Mato Grosso, a telha que chegou na mão dos pesquisadores foi feita através de uma doação da professora Betânia, da rede municipal que ensina naquela localidade, que ao entrar em contato com uma família que estava trocando as telhas da casa, pediu algumas delas.

Aqui vale salientar, que ela, a professora, participou de um minicurso acerca do patrimônio arqueológico do Cabo de Santo Agostinho ministrado pelos autores a convite da prefeitura do município e a UNESCO, no qual abordamos os diversos pontos

acerca do patrimônio arqueológico da região, inclusive levando um exemplar da coleção da família Alves para demonstrar a riquezas dos vestígios.

Alguns exemplares foram separados (figura 1) para que fosse feito um estudo acerca dos grafismos presentes, se seriam simples ocorrências ou se havia uma frequência, no caso das duas presente na coleção Alves, foram notadas além de um frequências, variações. Na maioria linhas se cruzando em "X", poderia ser de linhas simples, duplas e até mesmo triplas, estando ou não acimada por linhas retas ou sem elas. É interessante mencionar a presença deste tipo de grafismo foi notado em telhas no Engenho Manjope e no Jaguaribe.

Outro grafismo notado, foi de ondulações, simples ou duplas, nas quais na maioria das vezes, se encontram em duas partes das telhas, na parte superior e inferior, somente um caso se notou a repetição ondulações duplas em três parte das telhas. (Figura 2). Já o caso da telhara retirada do arruado do Engenho Mato Grosso (Figura 1), é um exemplar único que não foi possível notar dentro de da coleção Alves ou outros exemplares, grafismos similares, porém observações feitas por três pesquisadores da área da diáspora africana, recomendaram observar estudos antropológicos e históricos acerca do simbolismo de grupos vindo da África, para assim localizar uma possível origem.

Figura 1: Dois exemplares da coleção Alves (A esquerda) e o exemplar do Engenho Mato Grosso (a direta, de cor avermelhada). Fonte: Os autores.



Figura 2: Exemplar reaproveitado da coleção Alves em uma pequena barraca de licores, percebe-se neste a predominância do grafismo em forma da ondulação. Fonte: Os autores.



Houve uma indagação acerca da origem dos grafismos, será que não poderia referentes a população indígena que viva na região? Porém ao mergulhar nas fontes entre 1730 a 1890, percebeu-se que não existia aldeamentos na região do Cabo de Santo Agostinho, nem mesmo em alguns mapas da população do Cabo era mencionados indígenas, entretendo a população afro-brasileira em bem volumosa.

Vale saliente que existe outros tipos de grafismo e marcas intencionais como: Grafismos puros, Retiradas (Marcas de laminas), Mista (Que possua mais de um tipo de grafismo) e até algumas que lembram escarificações de alguns grupos retratados por Debret, Rugendas entre outros, porém a pesquisa ainda vai se aprofundar acerca do tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui apresentado é o que consideraríamos como uma "entrada" ou melhor um "aperitivo"[7] para os interessados acerca do tema, para aumenta sua fome de conhecimento e da valorização da identidade dos povos pretéritos e dos seus herdeiros na atualidade.

[7] A apresentação em slide estará disponível nos links do Academia.edu presentes na nota de rodapé 1 e 2

Não foi a primeira vez que nos deparamos com símbolos ligados a cultura afro-brasileira e a curiosidade para mergulhar no que ele poderia trazer acerca do povo do passado, em 2013, durante um trabalho sobre a Cruz do patrão, um pequeno fragmento de cerâmica chamou a nossa atenção, uma borda que possuía um revelo, uma pequena representação em alto-relevo de um aracnídeo.

Naquele momento não sabíamos o que seria, com o olhar e a experiência, poderíamos ter reconhecido naquele pequeno fragmento *Ananse*, ou melhor, uma representação dessa divindade contadora de estória e guardião das memorias de seu povo. Ao conta esse pequeno episódio, que parece não ter tanta ligação com a questão aqui abordada, queremos mostrar que nos mais diferentes materiais podemos encontrar grandes informações, que por causa da falta de conhecimento ou de observação deixamos passar e muitas vezes não teremos chance de ver outra vez.

A questão aqui abordada acerca dos vestígios cerâmicos conhecidos como telhas é simples em seu âmago, e que traz uma reflexão do que acontece na própria profissão do arqueólogo: a valorização de certos artefatos e a desvalorização de outros.

Em diversas campanhas que acompanhamos, os fragmentos de telhas eram confundidos com fragmentos de pães de açúcar. Os pães, possui alisamento tanto interno como externo, diferente das telhas que em sua maioria possuía alisamento somente na parte externa, entretanto ambos eram descartados de forma a ser um material que não traria nenhuma informação a pesquisa, porém será que isso era verdade? Será que não foi perdido uma importante fonte de informação e que não teremos como reaver?

Devemos chamar a atenção, como estudiosos do passado, a todo tipo de informação e dos seus respectivos “mensageiros”, ao ignorar um deles, perdemos parte importante da história e assim falhamos em nossa missão de preservar o passado. A intensão deste texto é desperta a visão do leitor, seja pesquisador, seja um leigo amante de Clio, as mais diferentes manifestações da memória e como devemos ficar atento. Como escreveu Bertolt Brecht na parte final do poema, que iniciou esse trabalho: “Tantas histórias/ Quantas perguntas.”, e nisto reside a beleza dos estudiosos do

passado, na descoberta destas histórias, que as vezes são esquecidas e nas perguntas que elas trazem acerca do homem, seja do passado o do presente.

REFERÊNCIAS

ANTONIL, A. J. **Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas.** Recife: UFPE, 1969

BRAUDEL, F. **Civilização Material, Economia e Capitalismo- séculos XV-XVIII: As estruturas do cotidiano**. São Paulo: Martins Fontes, 1997

CARUS, Paul. **The history of the Devil**. Chicago: Dover publicacions. 2008

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. São Paulo: Global editora. 2006.

CASCUDO, L. C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global editora. 2004.

GUIMARÃES, C, M.; LADEIA, A. L. R. Escravidão, reação e arqueologia: Minas Gerais no século XVIII. In. AGOSTINI, C. (Org.) **Objetos da escravidão: Abordagens sobre a cultura material da escravidão e seu legado.** São Paulo: 7letras. 2013

MELLO, J. A. G. (Org.). **Fontes para a história do Brasil Holandês: A Economia Açucareira**. Recife: CEPE. 2004.

MELLO, J. A. G. **O Diário de Pernambuco e a história social do Nordeste- Volume I.** Recife: CEPE. 1976.

MELLO, J. A. G. **Testamento do General Francisco Barreto de Menezes/ A cartografia Holandesa do Recife/ A rendição dos holandeses no Recife (1654).** Recife: CEPE, 2017

MELLO, J. A. G. **Tempo dos Flamengos**. Recife: Massagana, 1983

PARDAL, P. Desfazendo lendas: uma troca de plantas arquitetônicas, telhas e coxas de escravas, óleo de baleia na argamassa. In. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Ano 160, nº 460, Rio de Janeiro: IHGB, 1999. p. 7-30

OLIVEIRA, M. A. S. **Estudo da coleção de tijolos do Programa Monumenta, Bairro do Recife–PE, sob a perspectiva da Arqueologia histórica e subsídios da conservação.** 2017. 250 f. Dissertação (Mestrado em arqueologia). Departamento de Arqueologia. UFPE. Recife. 2017

SILVA, Antonio de Morais. BLUTEAU, Rafael. **Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro**. 1. ed. Lisboa, Simão Tadeu Ferreira, MDCCLXXXIX [1789]. 2v.: v. 1: xxii, 752 p.; v. 2: 541 p.

SOUZA, M. A. T. Por uma arqueologia da criatividade: estratégias e significações da cultural material utilizada pelos escravos no Brasil. In. AGOSTINI, C. (Org.) **Objetos da escravidão: Abordagens sobre a cultura material da escravidão e seu legado**. São Paulo: 7letras. 2013

SYMANSKY, L. C. P. (2007). O Domínio da Tática: Práticas Religiosas de Origem Africana nos Engenhos de Chapada dos Guimarães (MT). Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, 1 (2). 7-36.

SYMANSKY, L. C. P. Africanos no Mato Grosso: Cultural material, identidades e cosmologia. In. AGOSTINI, C. (Org.) **Objetos da escravidão: Abordagens sobre a cultura material da escravidão e seu legado.** São Paulo: 7letras. 2013

ROBERTSON, D. S. **Arquitetura grega e romana**. São Paulo: Martins Fontes. 1997

ROCHA, Lucas Alves. **Preservação, Patrimônio e arqueologia: O Forte Real de Nossa Senhora de Nazaré, uma fortificação seiscentista, Pernambuco, Brasil.** 2017. 148 f. Monografia (Graduação em arqueologia). Departamento de Arqueologia. UFPE. Recife. 2017.